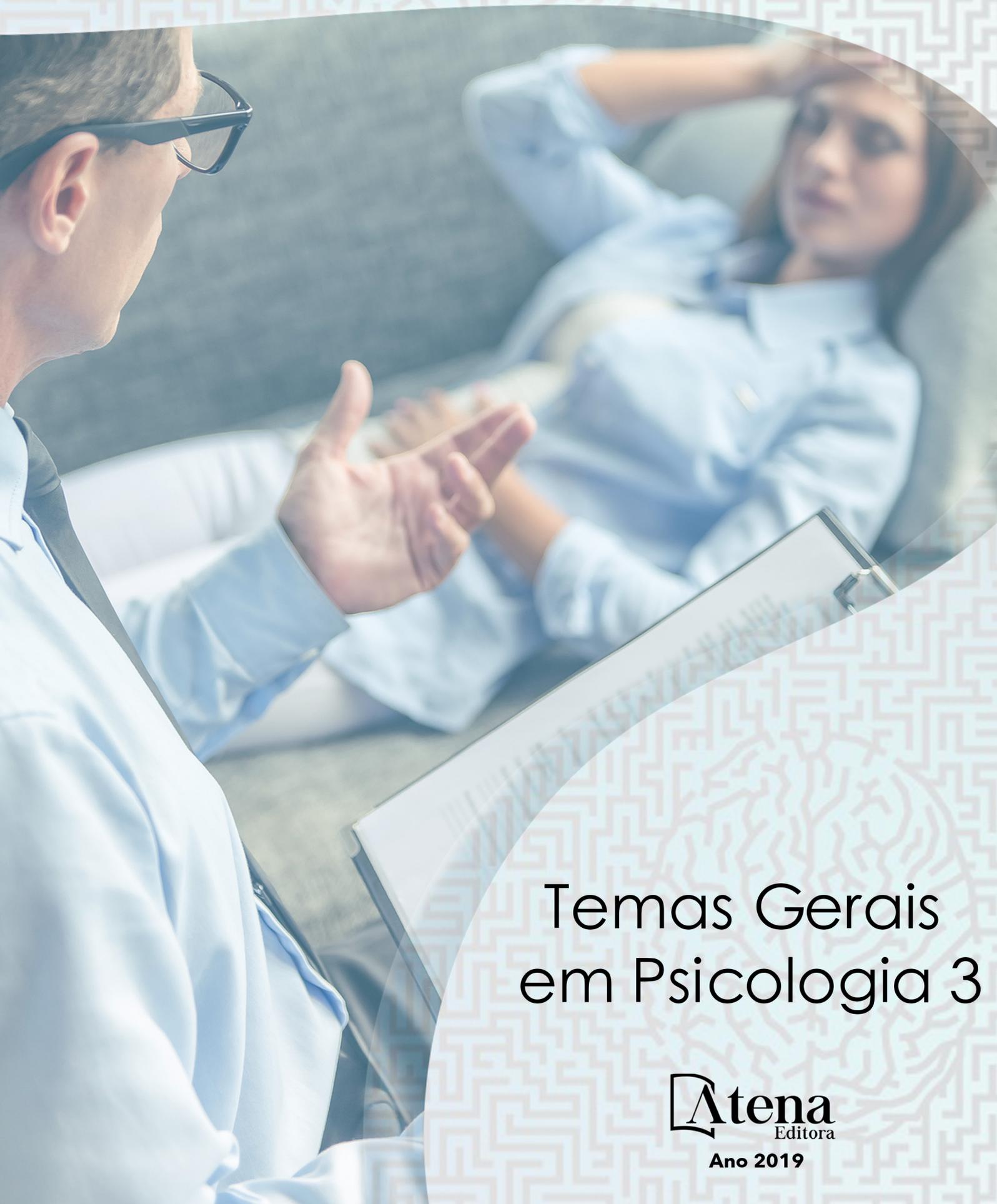


**Janaina Merhy
(Organizadora)**



Temas Gerais em Psicologia 3

Atena
Editora
Ano 2019

Janaina Merhy
(Organizadora)

Temas Gerais em Psicologia 3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Geraldo Alves

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

T278 Temas gerais em psicologia 3 / Organizadora Janaina Merhy. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Temas gerais em psicologia; v. 3)

Formato: PDF

Requisitos do sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-207-4

DOI 10.22533/at.ed.074192603

1. Psicologia. I. Merhy, Janaina. II. Série.

CDD 150

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Na contemporaneidade, a cada dia novos desafios se apresentam ao campo da Psicologia; ou talvez possamos dizer que a cada dia os psicólogos e psicólogas, em suas diversas frentes de trabalho e observação, corajosamente lançam seu olhar aos mais variados fenômenos do século XXI.

Antigos papéis já não têm espaço na sociedade que começamos a desvendar. Antigas respostas, teorias ou técnicas, não resolvem mais grande parte das perguntas; é uma nova problemática, uma nova lógica, há uma nova tessitura. A Psicologia certamente não tem todas as novas respostas, mas entende que o momento é de acolher as demandas, ouvir os sujeitos, pesquisar, questionar e formular não só propostas, mas, antes de mais nada, ajudar a fazer as perguntas que podem servir de bússola para a transformação que precisamos desenvolver.

Nesta obra, encontramos o questionamento sobre como é a experiência plural de ser mulher nos dias de hoje, qual o lugar da mulher na pesquisa, no campo do trabalho. Tantas décadas após o início luta feminista por espaço social, quais as conquistas? Qual a expectativa? Como é esta experiência?

E o que acontece quando pensamos no adolescente, fazendo a passagem por esta etapa turbulenta do desenvolvimento sem o amparo de uma sociedade minimamente responsiva? O que fazer para reduzir os conflitos destrutivos na escola, a violência exposta e descontrolada? É possível entender esta violência adolescente, as infrações, como uma nova forma de subjetivação? Quase que uma estratégia de sobrevivência frente às condições apresentadas à infância e juventude? E pensando nestas condições ofertadas às crianças, o que acontece com os sujeitos com necessidades educacionais específicas? Como tem funcionado o processo de inclusão escolar, como a Psicopedagogia pode ajudar a minimizar o fracasso escolar nestes casos?

São muitas investigações que encontramos em **Temas Gerais em Psicologia 3**, novas perguntas que tentamos elaborar para compreender uma nova realidade. Na área da formação universitária, quanto os futuros psicólogos sabem sobre a atuação do acompanhante terapêutico? E quanto as demandas de um curso de Medicina podem gerar estresse nos jovens universitários?

Se os desafios atuais são imensos, o que pode ajudar o sujeito contemporâneo a transitar pelo mundo tal qual ele se apresenta? A atividade física e os esportes são um antigo remédio que mantém seu potencial benéfico e pode ajudar muito na redução do mal-estar causado por um dos principais sintomas dos dias atuais, a ansiedade. Será que outro remédio antigo, a religiosidade, pode ajudar e servir como fator de proteção contra o suicídio e depressão?

Mais do que nunca é preciso manter em mente a constituição humana, biopsicossocial e espiritual, entendemos que nenhuma resposta será efetiva sem que a complexidade do ser humano seja vislumbrada. Os questionamentos são múltiplos e este é o maior sinal de que as soluções estão a caminho.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A ATUAÇÃO DO ACOMPANHANTE TERAPÊUTICO PARA ACADÊMICOS DE UM CURSO DE PSICOLOGIA NO INTERIOR DE MATO GROSSO DO SUL	
<i>Fernanda Castilho da Silva Moura</i> <i>Felipe Maciel dos Santos Souza</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0741926031	
CAPÍTULO 2	11
DA INFRAÇÃO NA ADOLESCÊNCIA E NOVOS MODOS DE SUBJETIVAÇÃO	
<i>Priscila Souza Vicente Penna</i> <i>Ana Maria Loffredo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0741926032	
CAPÍTULO 3	27
ESTRESSE NOS ESTUDANTES DOS 3º ANOS DE MEDICINA DA UNIVERSIDAD INTERNACIONAL TRES FRONTEIRAS, CIUDAD DEL ESTE, PARAGUAI 2016	
<i>Viviane Barbosa da Silva</i> <i>Taciana Ramos de Albuquerque</i> <i>Elnatã Pedra Vitorino</i> <i>Felipy Cezar de Paula</i> <i>Gigliely Gonçalves Gomes Lima</i> <i>Jessica Correa Freitas</i> <i>Joannes Magnus Borges Pinheiro</i> <i>Maycon Pereira Gonçalves</i> <i>Nilsa Elizabeth Gonzalez</i> <i>Elder Oliveira da Silva</i> <i>Pasionaria Rosa Ramos Ruiz Diaz</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0741926033	
CAPÍTULO 4	39
INTERFACE ENTRE A PSICOPEDAGOGIA E O PROCESSO DE EFETIVAÇÃO DAS POLÍTICAS EDUCACIONAIS INCLUSIVAS	
<i>Sandra Lia de Oliveira Neves</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0741926034	
CAPÍTULO 5	47
OS BENEFÍCIOS DO ESPORTE COMO PRATICAR COMPLEMENTAR DA PSICOLOGIA	
<i>Fernanda Gonçalves da Silva</i> <i>Luiz Carlos Bernardino Marçal</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0741926035	
CAPÍTULO 6	54
RELIGIOSIDADE/ESPIRITUALIDADE COMO UM PROVÁVEL ELEMENTO DE PROTEÇÃO À PRÁTICA DO SUICÍDIO	
<i>Airilço Chaves Nantes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0741926036	

CAPÍTULO 7 80

SER MULHER, SER PESQUISADORA E SER PSICÓLOGA: REFLEXÕES SOBRE O LUGAR SOCIAL DA MULHER NA CIÊNCIA E NA PROFISSÃO

Andréa Moreira Lima

DOI 10.22533/at.ed.0741926037

CAPÍTULO 8 87

VIOLÊNCIA INTERNA E CIRCUNDANTE À ESCOLA: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, ADOLESCÊNCIA, PERTENCIMENTO E IDENTIDADE

Samuel Cabanha

Irani Batista de Araújo

DOI 10.22533/at.ed.0741926038

SOBRE A ORGANIZADORA..... 100

DA INFRAÇÃO NA ADOLESCÊNCIA E NOVOS MODOS DE SUBJETIVAÇÃO

Priscila Souza Vicente Penna

Doutora pelo Instituto de Psicologia da
Universidade de São Paulo - IP/USP

Bolsista CAPES

priscila.penna@usp.br

Ana Maria Loffredo

Professora Livre Docente do Instituto de
Psicologia da Universidade de São Paulo - IP/
USP

analoffredo@usp.br

RESUMO: Este artigo, produto de uma pesquisa de doutorado, pretende tecer um exercício reflexivo sobre um dos temas capitais esboçados nesta pesquisa: os novos modos de subjetivação adolescente, e pensar a infração na adolescência como um sintoma peculiar a esta fase de desenvolvimento. Atestamos no sujeito adolescente um excesso pulsional que vem à tona assumindo um potencial de violência em detrimento da capacidade de simbolização por este sujeito. A problemática do excesso e transgressões na adolescência, a violência autoengendrada e também dirigida ao outro nos conduz a trabalhar a hipótese de que as leis da linguagem fracassaram dando espaço a uma pulsão de morte que assume um potencial cada vez mais destrutivo, configurando uma experiência de (des) subjetivação. Uma violência expressa nas atuações e passagens

ao ato que nos faz questioná-las e pensar se tais ações possuiriam algum valor estruturante para o sujeito. Isto é, pensar a delinquência como possibilidade de nomeação e identidade.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise; Adolescência; Infração; Subjetivação; Alteridade.

ABSTRACT: This article, the product of a doctoral research, intends to weave a reflexive exercise on one of the capital themes outlined in this research: the new modes of adolescent subjectivation, and think of the infraction in the adolescence as a peculiar symptom to this phase of development. We verify in the adolescent subject an excess of drive that comes to the surface assuming a potential of violence to the detriment of the capacity of symbolization by this subject. The problem of excess and transgressions in adolescence, violence self-directed and also directed to the other leads us to work on the hypothesis that the laws of language failed to give way to a death instinct that assumes an increasingly destructive potential, forming an experience of (dis) subjectivation. A violence expressed in the acts and passages to the act that causes us to question them and to think if such actions would have any structuring value for the subject. That is, to think of delinquency as a possibility of appointment and identity.

KEYWORDS: Psychoanalysis; Adolescence;

INTRODUÇÃO

Este trabalho destina-se à problematização da alteridade no adolescente em conflito com a lei, segundo o referencial psicanalítico. A pergunta que direciona e sintetiza nossas intenções de pesquisa diz respeito às motivações, ou aos fatores que estariam relacionados com o desenvolvimento de condutas violentas em adolescentes, questão que nos conduz a indagar como a alteridade se dá num contexto de violência. Nesse sentido, a pesquisa pretendeu reconstruir subsídios teóricos que permitissem examinar, no contexto de uma metapsicologia da violência, como opera o psiquismo de quem, hipotética e aparentemente não é capaz de reconhecer o outro através do ato violento, isto é, o que permite a alguém, no caso o adolescente, realizar um ato de violência sem *compaixão* aparente? O ato de violência que está no centro de nossa esfera reflexiva se insere no campo do que qualificamos como violência intersubjetiva, tratando-se, portanto, de um estudo da problemática da agressividade situada na interseção dos registros do sujeito e do outro.

Nesse enquadre, atestamos a importância de se examinar as modalidades de subjetivação em questão no mundo contemporâneo, como resultado da evolução das culturas e sociedades que transformam os modos de relação entre os sujeitos. Neste sentido, poderíamos perguntar: que efeitos essa configuração social produziria sobre a constituição das subjetividades? Qual(ais) modalidade(s) de sofrimento psíquico poderiam ocorrer deste novo contexto pleno de transformações? As infrações adolescentes atestariam o espaço do mal-estar, por excelência, da dor e do sofrimento às quais o sujeito pós-moderno está subjugado?

O sujeito adolescente, constituição psíquica e alteridade

Em meados da década de sessenta do século passado, WINNICOTT (2011) iniciou um de seus textos, publicado na obra *A família e o desenvolvimento individual*, afirmando que a adolescência, e mesmo os problemas que acometem os sujeitos desta fase, despertava o interesse de especialistas dos quatro cantos do mundo. E, em *Privação e Delinquência* (1987), podemos constatar novamente o interesse vivo e destacado desse autor pelo estudo e compreensão dessa fase do desenvolvimento humano. Aproximadamente cinco décadas após a publicação dessas obras, as questões acerca da adolescência e suas vicissitudes não ocupam um estatuto menos importante na literatura psicanalítica, muito pelo contrário.

Em publicação recente, LAURU (2013) destaca a importância do sujeito adolescente para a compreensão das novas configurações subjetivas na atualidade, na medida em que aquele pode ser considerado uma espécie de espelho dessas novas modalidades de subjetivação e estruturação psíquica emergentes na clínica: “No entanto, as novas subjetividades respondem melhor às nossas preocupações

clínicas contemporâneas no que diz respeito à adolescência” (LAURU, 2013, p. 23).

Na teoria freudiana encontramos referência à adolescência no texto “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, nos quais FREUD (2016) designa puberdade o período do desenvolvimento que corresponde à adolescência. Fruto de muitas oposições e objeção da comunidade científica, esse texto é um dentre aqueles da obra freudiana que imprimiu uma nova configuração e destino para a teoria psicanalítica, a partir da concepção da sexualidade infantil, o que tornou-se a pedra angular da psicanálise, pois a constituição subjetiva é integralmente influenciada pela experiência sexual. Em relação à puberdade, nesse texto encontra-se bem demarcada a ideia de que a iminência da puberdade produz mudanças significativas no que até então configurava a vida sexual infantil. Observa-se a transformação da pulsão quanto ao seu estatuto de objeto e meta. A sexualidade está inteiramente atravessada pelas primitivas experiências sexuais e, ao contrário do que se pensava até então, a sexualidade não tem como ponto de partida a puberdade, mas está presente desde os primeiros períodos da vida.

FREDA (2009) expõe, conforme as concepções freudianas acerca da adolescência, que esse período constitui um momento de passagem compreendido entre a infância e a vida adulta, e localiza-se entre esses dois tempos: “período que encontra sua razão de ser em sua resolução. Este é o ponto final da adolescência que dá, retrospectivamente, sentido a esse tempo” (FREDA, 2009, p. 11). Logo, o sentido da adolescência só pode ser apreendido *a posteriori*, elemento que torna eminente a noção de temporalidade na obra freudiana. Os sintomas tais como o autismo, o suicídio de adolescentes, a toxicomania e certos atos delinquentes, emergentes no contexto social da contemporaneidade, evidenciam justamente a intenção de encontrar uma inscrição no campo do Outro e, diante da impossibilidade dessa inscrição, segundo esse autor, são considerados sintomas de inscrição ou da não inscrição.

Para Freud esse período do desenvolvimento psíquico corresponderia à revivência da infância, através da reedição do complexo de Édipo, já que nesse período de maturação dos órgãos genitais o sujeito jamais esteve tão perto da realização da fantasia sexual construída na configuração edipiana. Contudo, o fantasma da ameaça de castração que sempre rondou o infante volta a assolar o púbere nessa reedição da vivência edipiana, implicando um intenso trabalho psíquico a ser realizado pelo sujeito na elaboração da não satisfação plena dos seus desejos e fantasias. E como podemos constatar ao percorrer a teoria freudiana, a satisfação parcial dos desejos constitui o grande motor do aparelho psíquico, bem como subjaz à formação dos sintomas.

ABERASTURY & KNOBEL (1981) mencionam, no percurso da adolescência, a existência de três lutos fundamentais pelos quais o sujeito atravessará: o luto pelo corpo infantil, uma vez que a maturação dos órgãos genitais faz-se eminente; o luto pelos pais da infância, cujos valores são agora na puberdade veementemente questionados, uma vez que uma nova configuração das relações com os pais é aqui construída; e o luto pela identidade infantil, já que a adolescência imprime a exigência

por uma conquista de autonomia em direção à independência.

WINNICOTT (2011) circunscreve a busca adolescente, em meio a uma avalanche de transformações e conflitos que caracterizam a adolescência nas suas peculiares características:

Vemos os jovens buscando um tipo de identificação que não os abandona sozinhos em sua luta: *a luta para sentir-se real*, a luta para estabelecer uma identidade pessoal, a luta para viver o que deve ser vivido sem ter de conformar-se a um papel preestabelecido. Os adolescentes não sabem no que se tornarão. (WINNICOTT, 1961/2011, p. 123)

O limiar do século XXI apresenta-nos dimensões variadas de mal-estar vividas pelo sujeito (FREUD, 2010), legado de transformações antropológicas já anunciadas pela sociedade moderna, que interferem diretamente nos modos de subjetivação contemporâneos (BIRMAN, 2009a), inseridos numa condição traumatogênica de existência, como bem atesta ROUANET (2006). Nesse contexto, o tema da ética emerge como uma das grandes questões a serem problematizadas ao tratarmos do sujeito e de sua inscrição na civilização atual. De modo que o estudo centrado na interseção da subjetividade e cultura é imperativo para tratar da inserção do sujeito na civilização: “a estruturação e funcionamento da vida psíquica são indissociáveis de um contexto sociocultural determinado” (CARDOSO, 2014, p. 64). Desse modo, BIRMAN (2009b) nos convida a refletir sobre a contemporaneidade e suas variadas manifestações de mal-estar:

A contemporaneidade revela-se ser uma fonte permanente de surpresa para o sujeito que não chega em geral a seguir e a antecipar os acontecimentos que jorram de toda parte. Lá onde quase tudo aparece de modo imprevisto e intempestivo, o efeito mais evidente para ele é a vertigem e a ameaça do abismo nos quais ele se vê mergulhado. (BIRMAN, 2009b, p. 7)

Da mesma forma, LAURU (2013) atesta a importância de se examinar as modalidades de subjetivação em questão no mundo contemporâneo, como resultado do desenvolvimento das culturas e sociedades que transformam os modos de relação entre os sujeitos. Aliada à condição de vulnerabilidade à qual está vinculada a adolescência, podemos observar que a entrada da criança na puberdade e sua saída do universo infantil anunciam uma série de transformações que atestam a ausência de um lugar de pertencimento. O sujeito adolescente transita entre dois lugares; por um lado, sem ter abandonado sua condição de infante e, portanto, de ser dependente, e, por outro, sinaliza a passagem para um momento ulterior do desenvolvimento que vai na direção da busca de autonomia. Logo, configura-se uma espécie de pêndulo, cujos extremos são, de um lado, a dependência, e do outro, a conquista de autonomia. Essa ausência de lugar é abordada por FINGER (2014):

Este mesmo interregno marca a experiência de vida do adolescente contemporâneo:

situado numa particular escansão entre dois tempos – nem criança, nem adulto –, ele denuncia com maestria a angústia da suspensão de sentido própria de nossa época, bem como a difícil articulação entre o singular e o coletivo próprios de nossa cultura. (FINGER, 2014, p. 13)

Neste sentido, observamos que a conjuntura cultural contemporânea situa o sujeito adolescente em uma dimensão mesma de mal-estar, articulada às peculiaridades do contexto sociocultural. Embora saibamos que o mal-estar habita essa fase do desenvolvimento humano a adolescência não se restringe a uma experiência de mal-estar. Nessa reflexão constatamos que, em relação às singularidades do contexto sociocultural contemporâneo que encontra ressonância nos modos de subjetivação adolescente, os autores acima citados têm pensamento convergente. E, independentemente da influência do ambiente, a adolescência é uma via privilegiada de acesso a novas configurações psíquicas, tanto no plano individual quanto na dimensão intersubjetiva.

Poderíamos perguntar, de modo abrangente, que efeitos essa configuração social produziria sobre a constituição das subjetividades? Qual(ais) modalidade(s) de sofrimento psíquico poderiam ocorrer deste novo contexto pleno de transformações? E, mais especificamente no âmbito de nossa pesquisa, as infrações adolescentes atestariam o espaço do mal-estar, por excelência, da dor e do sofrimento às quais o sujeito pós-moderno está subjugado?

De fato, a mutação social que transforma o sujeito da democracia, aquele do conflito, em sujeito empreiteiro de si, tem efeito sobre a construção das subjetividades, notadamente adolescentes. A constatação do desenvolvimento de subjetividades, provocando um sofrimento cada vez maior no sujeito, relacionado a uma profusão de prazeres possíveis em um espaço “vazio de existência”, nos convida a revisitar a clínica adolescente e sua construção metapsicológica a partir de gozos Outros: vícios, anorexia, obesidade, usos e abusos do corpo, paixão pelo risco. (LAURU, 2013, p. 23)

Ou seja, esse contexto pleno de transformações que atravessam os modos de viver na atualidade estimula e potencializa a inscrição de sintomas que evidenciam o mal-estar vivenciado pelos sujeitos, provocando saídas autodestrutivas, e não menos sem risco ao outro, colocando em cena uma pulsão agressiva e carregada de violência que requer contenção. O uso e abuso de drogas, por exemplo, tanto lícitas quanto ilícitas, situa-se no campo das denominadas “novas patologias”, evidenciando as particularidades da cultura contemporânea e convocando-nos a questioná-las (CARDOSO, 2014). Nesse contexto, cabe destacar a utilização em larga escala de psicotrópicos prescritos como pílulas capazes de dar conta desse mal-estar, e do vazio que habita o homem pós-moderno, temática que tem ocupado muito espaço na literatura, caracterizando o que BIRMAN (2014) denominou de “medicalização da existência”:

Nesse sentido, podemos observar que o panorama social evidencia o

atravessamento de amplas transformações que têm, por sua vez, tanto incidência direta nos modos de regulação das relações intersubjetivas quanto na esfera da intimidade de cada sujeito. Se o grande trunfo inaugurado pela Modernidade foi poder pensar o homem habitando o espaço público e dele se apropriando como sujeito de suas escolhas e construtor de suas referências, o que assistimos no momento seguinte é o declínio desse espaço público e a inflação da esfera da intimidade, que tem por consequência a reconstrução e uma ressignificação do espaço social.

Nessa atmosfera de mudanças, de supervalorização da esfera íntima, poderíamos supor que houvesse uma negação do outro e sua dimensão alteritária, uma espécie de acirramento das modalidades narcísicas no espaço social? De que forma se revela o estatuto da alteridade nessa nova economia das relações intra e intersubjetivas? Como escreve BIRMAN (2014) “De fato, nesta inflexão em direção aos registros do privado e do íntimo, as formas de subjetivação foram decididamente reconfiguradas, marcadas que seriam pelo narcisismo” (BIRMAN, 2014, p. 29), sendo o risco o denominador comum dessa grande transformação. O reflexo disso nos modos de subjetivação adolescente é expressado na maneira como o sujeito adolescente coloca o corpo à prova, expondo-se diretamente ao risco por meio do ato, como atestaremos mais adiante.

Portanto, se nos propomos a refletir acerca destas supostas inscrições de mal-estar contemporâneas, não podemos deixar de considerar a emergência das chamadas novas patologias que imprimem desafios inéditos à clínica psicanalítica. O abuso de álcool e drogas, as perturbações alimentares, os transtornos de ansiedade generalizada muito presentes na clínica contemporânea, e as assim denominadas depressões, assumem nuances bem particulares no contexto e situação em que vivemos. Esses sintomas evidenciam uma nova economia subjetiva diante de uma dimensão social que se apresenta com características muito peculiares.

Segundo LAURU (2013) a clínica, não somente do adolescente mas também a do adulto, nos oferece um olhar particular sobre a evolução das patologias e, igualmente, dos modos de estruturação psíquicos. Nesse sentido, para considerar que esse momento corresponde justamente a novos arranjos de subjetivação que o sujeito constrói na sua estruturação psíquica, continua esse autor, “Com efeito, o adolescente não é uma estrutura de passagem, mas uma passagem na estrutura” (LAURU, 2013, p.24). Passagem cujas particularidades requerem dos especialistas intervenções e apreensão específicos em função de suas manifestações singulares no campo social. Para RASSIAL (2012),

Os jovens são certamente as principais testemunhas, agentes, ou mesmo vítimas, posto que a adolescência é o momento essencial, para cada um, de crise de valores e de restauração do laço social, quando as promessas edípicas, por não se cumprirem plenamente, conduzem para que se achem ou se criem novos ideais. (RASSIAL, 2012, p. 64)

Assim se justifica nossa proposta de pesquisa que visa pôr no centro da cena o sujeito adolescente, com o objetivo de investigar a problemática da violência intersubjetiva e especificidades da incidência da alteridade em adolescentes em conflito com a lei, apoiadas no referencial psicanalítico, que justamente enfatiza o atravessamento do outro na constituição subjetiva, uma vez que é justamente no campo da alteridade que a subjetividade pode emergir (SOUZA, 2001). Mas essa relação, constitutiva e indispensável, também carrega um potencial traumatizante. Nas palavras de CARDOSO (2008),

A recusa da alteridade e a conseqüente transgressão das fronteiras do outro vêm se articular aqui a uma recusa da Lei – situada num outro nível de transgressão, último recurso para inscrever a marca traumática, marca de um ataque, de uma transgressão pulsional, além do princípio do prazer, além do representável. (CARDOSO, 2008, p. 79)

De modo que examinar a adolescência, dentre outros aspectos, nos conduz à problematização da alteridade, tematização necessária sobretudo se consideramos o cenário atual em que a violência e a delinquência assumem uma imposição cada vez mais veemente no registro do laço social:

Centradas no registro do corpo, da ação e das intensidades, as formas de mal-estar que dominam o cenário da contemporaneidade indicam não apenas o alto nível de descarga pulsional presente, mas também o baixo nível de simbolização em pauta no psiquismo. (BIRMAN, 2009a, p. 50)

Trata-se de um excesso pulsional que vem à tona e assume um potencial de violência, em detrimento da capacidade de simbolização pelo sujeito. E dentre as variadas manifestações de mal-estar na contemporaneidade, a que nos interessa e é objeto de nossas investigações concerne à adolescência, especialmente aos adolescentes autores de ato infracional. A problemática do excesso e das transgressões na adolescência, a violência autoengendrada e também dirigida ao outro, nos conduzem a formular a hipótese segundo a qual as leis da linguagem fracassaram, dando espaço para a operação da pulsão de morte (FREUD, 2010), cujo potencial destrutivo configura a tendência a uma experiência de (des) subjetivação (LAURU, 2013).

É assim que somos espectadores da emergência das chamadas patologias do ato, caracterizadas pela invasão de uma dimensão traumática no psiquismo, que exprimem uma falha nos mecanismos de simbolização e apontam para dificuldades no plano da contenção psíquica. Nesse caso, observamos uma ausência de mediação que se articula com a presença da intensa violência psíquica na adolescência. Como sintetiza LOFFREDO (2013):

Em suma, esse quadro encena a dinâmica de uma “desposseção de si”, que se expressa no incremento do registro do corpo, na ausência de limites para a ação e na “suspensão do eu” que, como instância psíquica, falha na sua função reguladora das relações entre corpo e o mundo (Birman, 2006, p.186). Imerso que está na

MAYER (2001) explicita a fundamental distinção entre as noções de *acting out* e passagem ao ato. A primeira permeia uma dimensão de convocação do outro, cuja direção do ato está endereçada e só poderá ser significada no circuito da alteridade; ainda que se trate de uma ação ou ato, logo, a palavra falhou. Entretanto o ato está circunscrito no campo da linguagem, que está no lugar onde deveria operar a palavra, caso não ocorresse uma falha no processo de simbolização. Não há eficácia das palavras, o ato assume a função de transmitir uma mensagem endereçada a esse outro. Se não houve a possibilidade de escuta e, por consequência, uma fala que signifique o ato, está instalado o circuito da violência (Finger, 2014). A segunda, por sua vez, ultrapassa essa dimensão de convocação do campo alteritário e, por meio do ato, constitui uma fratura:

Nesta perspectiva, a *passagem ao ato* propriamente dita costuma manifestar-se quando os *actings* reiteradamente fracassam em sua dimensão de *convocação*. Naquela o sujeito se precipita numa ação extrema que pressupõe uma ruptura e uma alienação radicais com desmoronamento de toda a mediação simbólica. (MAYER, 2001, p. 93)

Essa violência expressa nas “atuações” e “passagens ao ato” nos faz questionar se tais ações possuiriam algum valor estruturante para o sujeito, caso em que a delinquência poderia ser uma via, um caminho alternativo de possibilidade de nomeação e de identidade:

Considerando o crescente apelo na adolescência e juventude contemporâneas ao corpo e ao ato como modalidades de defesa radical, dentre elas as múltiplas formas de dependência a um objeto-coisa, pergunto se não estaríamos hoje diante de uma crise de subjetivação. Em razão da insistência do traumático, correlacionadas à má delimitação das fronteiras egoicas, a problemática-chave aqui é a do dentro e do fora, aliada à do estrangeiro e do familiar. Os objetos são instáveis, incertos nas configurações limites. Quando a perda do outro corresponde a uma perda de si, a verdadeira ameaça é a de não poder perder, e esta seria, no entanto, a condição necessária para se libertar do domínio do outro interno. (CARDOSO, 2014, p. 72)

Podemos observar, então, a irrupção do traumático, ou melhor, a sua persistência, o que acaba por esvaziar a possibilidade de uma mediação simbólica, expondo aos riscos que a(s) atuação(ões) implicam. O sujeito apresenta um limiar cada vez menor a esta invasão, dispondo de poucos recursos no que concerne à dimensão de convocação. A esse respeito sublinha essa autora “a problemática das fronteiras psíquicas se articula de forma estreita à adolescência e, principalmente, quando se trata de analisar as respostas atuadas com forte apelo ao corpo, tão frequentes na adolescência atual” (CARDOSO, 2014, p. 70). Pode-se, portanto, constatar que as modalidades de defesa atuantes na adolescência contemporânea – o corpo e o ato – indicam uma proximidade à problemática relacionada às fronteiras egoicas, ou seja, à

não delimitação dessas fronteiras. Diante de tal panorama, o referencial psicanalítico nos permite refletir, segundo COELHO JUNIOR e FIGUEIREDO (2004), sobre “as exigências éticas colocadas pela necessidade de reconhecimento da alteridade como elemento constitutivo das subjetividades singulares” (COELHO JUNIOR E FIGUEIREDO, 2004, p. 10).

Contudo, ainda que tenhamos enfatizado a adolescência localizada em um contexto de mal-estar, como sintoma da contemporaneidade, consoante WHITAKER (2010), não podemos situá-la toda e exclusivamente nessa dimensão, pois mesmo que na adolescência esteja implicada a noção de conflito há saídas possíveis que não estão vinculadas necessariamente a caminhos prejudiciais ao sujeito em resposta ao mal-estar. Isto é, o mal-estar da adolescência não pode ser localizado inteiramente no campo da destrutividade, enquanto resposta, há saídas sublimatórias que apontam, por exemplo, um outro destino perante a pulsão de morte.

Dos jovens autores de ato infracional e inscrição do sofrimento psíquico

A proposta de tratar da temática da violência intersubjetiva em adolescentes em conflito com a lei será desenvolvida tendo como suporte prioritário o referencial psicanalítico freudiano, especialmente a rede teórica na qual estão inseridas as conceituações de angústia, desamparo, trauma e laço social, em seu diálogo com as concepções de outros autores, quando forem pertinentes.

Dessa forma, este trabalho também se articula, necessariamente, com a tematização da ética implicada na reflexão psicanalítica, na medida em que pretendemos investigar o fenômeno da violência e a dimensão da alteridade em adolescentes autores de ato infracional. Isso nos possibilitará pensar a questão precípua desta investigação, ou seja, a responsabilidade nesses jovens a partir de um referencial que anuncia a necessária presença trágica do outro (LÉVINAS, 2001).

Ao utilizarmos a concepção de LAURU (2013), que entende a adolescência como uma passagem pela estrutura, podemos destacar algumas mudanças ocorridas nessa experiência de subjetivação: o abandono do corpo infantil e a condição imposta de elaboração do luto advindo dessa perda, a superação da fase autoerótica, que dará lugar a um investimento libidinal e afetivo que estarão dirigidos a um outro, marcando, portanto, a entrada numa dimensão alteritária e o acesso à fase genital do desenvolvimento da psicosexualidade, que anuncia a possibilidade de escolha de novos objetos. Nesta direção de reflexão, aponta MARTY (2008):

Nossa hipótese leva-nos a postular que o genital não se situa *inteiramente* nem de um lado nem do outro; constitui-se antes numa peneira de passagem, um entre-dois, tempo e trabalho psíquico de uma só vez, isto é, a adolescência, tomada aqui como processo psíquico. E se considerarmos que sem o genital a sexualidade infantil não teria sentido, nem tampouco, aliás, a sexualidade adulta, percebemos então mais claramente o quanto o genital é a pedra angular do edifício inteiro. (MARTY, 2008, p. 58)

Esse momento também diz respeito à revivescência do complexo edípico. Após a passagem do sujeito pelo período de latência, instante de “suspensão” das pulsões sexuais que poderão ser dirigidas, por exemplo, pela sublimação, o conflito edipiano será trazido à tona, na fase genital, constituindo mais uma das inúmeras problemáticas singulares desse período, que requer transformações tanto no plano físico e corporal quanto na esfera psíquica.

Desse modo, a conquista da fase genital tem marcas significativas para o desenvolvimento do sujeito e uma delas diz respeito ao alcance fundamental desempenhado pela cultura nesse momento. Se antes a família era a grande referência para a criança, a perda dos pais da infância será outro luto a ser elaborado pelo sujeito adolescente, que conquistará um espaço social na cultura, habitando um lócus até então pouco visitado. A esfera extrafamiliar lhe oferecerá então novas referências, pois “o lugar onde o jovem pode completar seu processo de subjetivação é na cultura, para além dos limites da família e das significações parentais” (MINERBO, 2006, p. 95).

Nesse sentido, nossa reflexão ganha corpo se considerarmos a adolescência um processo psíquico e, como tal, passível de assumir uma lógica e temporalidade singulares, vinculando-se a um momento caracterizado essencialmente por um excesso pulsional que pode assumir destinos variados, dentre os quais a violência

BIRMAN (2009a) enfatiza como, até 1920, a teoria freudiana tratou o tema da agressividade enquanto restrita à relação do sujeito com o outro. Mas com as formulações freudianas relativas à segunda teoria pulsional, em “Além do princípio do prazer” (FREUD, 2010), o conceito de pulsão de morte inaugura a possibilidade de inserir a agressividade em dimensões diversas no campo do sujeito: no âmbito do masoquismo, do sadismo, da autodestrutividade, bem como das relações estabelecidas entre as diferentes instâncias psíquicas (FREUD, 2011). Nesta mesma linha de raciocínio, na qual assume primazia o estatuto da ordem simbólica, CARDOSO (2008) formula uma questão fundamental para esse trabalho:

O que vem a permitir que o sujeito possa lidar com o pulsional, representá-lo, realizando o trabalho de ligação, de simbolização, situa-se no registro da ordem simbólica, implicando possibilidades de mediação, de contenção daquela força. O mundo contemporâneo não se encontra especialmente amparado por essa ordem simbólica, mas parece se caracterizar, preferencialmente, por precariedade, instabilidade, vulnerabilidade, incerteza e segurança; estamos, portanto, diante de uma carência de recursos de mediação. Do ponto de vista da constituição psíquica, o desamparo é inerente à subjetividade humana, em razão dos próprios limites do aparelho psíquico. Mas, na contemporaneidade, dada essa fragilidade da ordem simbólica, não tenderia este estado a se impor na vida psíquica de modo exacerbado? (CARDOSO, 2008, p. 75)

Sabemos que em “Inibição, sintoma e angústia” (FREUD, 2014), a angústia passa a ocupar uma função defensiva e “a definição de situação traumática articula-se à conceituação de *desamparo* e se reporta a um afluxo de excitação, proveniente de fontes endógenas ou exógenas, que deixam o eu completamente fora de controle”

(LOFFREDO, 2014, p. 314). Assim, o desamparo se apresenta como resquício da situação traumática e se vincula necessariamente a uma inscrição primordial e constitutiva do sujeito.

É consenso entre diversos autores, ROUSSILLON (2008), LAURU (2013), MARTY (2008), MAYER (2001), CARDOSO (2006), e principalmente aos que se debruçam sobre a temática da adolescência, que observa-se na contemporaneidade a emergência das denominadas *novas patologias*. Quadros clínicos que, como já esclarecemos anteriormente, têm como ponto comum um contingente de excesso pulsional, que por sua vez produz ameaças intensas à economia psíquica, e cuja saída escolhida pelo sujeito pode ser a passagem ao ato ou *o acting out*, dada a precariedade dos mecanismos de simbolização. Nesta direção, as *atuações e passagens ao ato* seriam uma tentativa de dar conta daquilo que excede e que ultrapassa qualquer possibilidade de representação. Se pode haver algo que excede a capacidade do aparelho psíquico de representar, estabelecemos uma íntima vinculação da adolescência com o campo do traumático.

Desse modo, vimos que o processo da adolescência lança invariavelmente o sujeito em condições potencialmente traumatogênicas, as quais apontarão como um dos destinos possíveis, no limite, as atuações ou passagens ao ato, situações que evidenciam intensa fragilização e exposição ao desamparo. Se, ainda no limiar dos anos 1920, Freud vislumbrava mudanças inevitáveis no que tange à teoria do trauma, assistimos, neste início do século XXI, à emergência de situações clínicas que exigem e convocam, simultaneamente, o exame minucioso do fazer clínico e de sua técnica. O que excede é justamente o que não foi capaz de ser representado; em outros termos, estamos lidando com a ultrapassagem de limites entre o corpo e o psiquismo, entre o eu e o outro, entre o interno e o externo.

Nesse contexto, as noções de angústia, alteridade, trauma, desamparo e laço social constituem uma rede conceitual indispensável para as análises que esta pesquisa se propõe a realizar, e fornecem os fundamentos teóricos para problematizar a violência intersubjetiva nos sujeitos adolescentes em conflito com a lei. E, colocar no centro de nossa investigação o sujeito adolescente significa ainda considerar a interseção das esferas física, psíquica e social, isto é, considerá-lo indivíduo biopsicossocial e privilegiar a ideia de que, para o ato infracional, podemos arrolar uma série de hipóteses etiológicas: ou seja, fatores econômicos, sociais, culturais, sociopsicológicos e individuais são aspectos imprescindíveis para apreender as motivações desse ato, o que significa enfatizar a importância de se abordar a etiologia da prática do ato infracional em uma perspectiva multifatorial, mesmo que se privilegie para esta investigação o recorte psicanalítico. Esse conjunto está também intimamente vinculado à situação de vulnerabilidade social, bem como à presença de uma violência estrutural, isto é, uma violência intrínseca à esfera familiar, como esclarece BIRMAN (2008). De modo que a família ocupa um espaço privilegiado dentre as instituições sociais que devemos considerar neste trabalho, pois sua presença ou ausência tem

efeitos significativos na constituição subjetiva de seus membros, operando como fator de desenvolvimento ou como fator de risco.

WINNICOTT (1987) já havia enfatizado o papel estruturante do ambiente na formação do psiquismo, e posiciona a família num plano de análise privilegiado ao destacar sua indispensável atuação como potencial fator de desenvolvimento: “De fato, a unidade familiar proporciona uma segurança indispensável à criança pequena. A ausência dessa segurança terá efeitos sobre o desenvolvimento emocional e acarretará danos à personalidade e ao caráter” (WINNICOTT, 1987, p. 21). Nesta direção o autor defende a presença de “um ambiente suficientemente bom” a fim de assegurar as possibilidades de um desenvolvimento saudável, uma vez que a ausência de condições favoráveis ao desenvolvimento da criança na fase inicial de vida exigiria a tomada de providências e intervenções futuras que indicariam a restrição da liberdade.

No texto “Família e maturidade emocional”, WINNICOTT (2011) esboça a indispensável participação da família no contexto do desenvolvimento do indivíduo, e sua função essencial no estabelecimento da saúde deste. Um elemento indispensável que circula em um ambiente suficientemente bom e a família, atuando como fator de desenvolvimento, é o afeto, de acordo com BIRCHAL (2010) “Piaget (2001) considerou afetividade como um dos três aspectos do desenvolvimento humano, ao lado do social e do cognitivo (...) não há desenvolvimento cognitivo sem afetividade e vice-versa, pois a afetividade é a energia que faz funcionar a estrutura da inteligência” (BIRCHAL, 2010, p. 28). Assim, a afetividade assume posição central e fundamental para o desenvolvimento humano nos seus variados aspectos.

Para as concepções de Winnicott, temos que maturidade é sinônimo de saúde, isto é, uma criança de 12 anos é considerada madura, portanto, saudável para essa idade se ultrapassou os períodos anteriores de imaturidade. A maturidade advém da superação dos desafios impostos ao seu desenvolvimento naquele momento, e por isso não é qualificada como um adulto precoce e sim uma criança de doze anos madura. E após conquistada a condição de maturidade o sujeito não estará desprovido das etapas anteriores superadas, elas ficam acessíveis para seu uso. E o que a adolescência evidencia é a necessidade de trabalho psíquico permanente, não somente pelo adolescente, mas também pelos pais, ou os seus cuidadores, uma vez que estes são convocados a responder às demandas advindas ora pela exigência de tolerância, ora pela exigência de cuidados. É o que nos aponta WINNICOTT (2011), na seguinte passagem:

Faz-se evidente, de imediato, que as referências à rebeldia e à dependência colocam em questão uma atitude que surge sobretudo na adolescência, e que pode ser bem observada nessa fase. Trata-se, na verdade, de um complexo problema de administração: como fazer para estar disponível quando o adolescente torna-se criança e dependente, e ao mesmo tempo ser capaz de absorver adequadamente a necessidade adolescente de rebelar-se para estabelecer a própria identidade? É provável que a família do jovem seja a estrutura mais apta a suportar essa dupla exigência: a exigência de tolerância face à rebeldia, e a exigência dos cuidados,

do tempo e do dinheiro dos pais. Como se sabe, o adolescente que foge de casa não se livra de modo algum de sua necessidade de ter um lar e uma família. (WINNICOTT, 2011, p. 131)

Observamos, portanto, que a família opera como um elemento crucial na maturidade emocional do indivíduo, institui uma espécie de sustentáculo a fim de dar suporte nesse turbilhão de emoções em jogo no plano psíquico. Além do que as figuras parentais atuam na delicada transição da saída de um espaço intersubjetivo restrito à família, e a abertura e conquista de um espaço social mais ampliado. Desse modo “o indivíduo só possa atingir sua maturidade emocional num contexto em que a família proporcione um caminho de transição entre o cuidado dos pais (ou da mãe) e a vida social” (p. 136).

Analisando os prontuários de adolescentes autores de ato infracional – fonte precípua da investigação da pesquisa implementada no doutorado, PENNA (2017) – e que já passaram pelo CREAS ou que ainda estavam cumprindo alguma medida socioeducativa, constatamos que a maioria dos adolescentes – mais de 90% – estava fora do espaço escolar quando da prática do ato infracional. Diante desse dado podemos questionar: qual papel estaria exercendo a escola na formação e na vida desses adolescentes? E um grande número de adolescentes, – o que também nos chamou a atenção – que estavam desassistidos no ambiente familiar, isto é, a ausência dos pais ou um dos pais, foi um dado corriqueiro nas estatísticas. Desse modo, podemos pensar que duas das principais instituições que exercem papel primordial na formação da subjetividade do indivíduo encontram-se praticamente ausentes no contexto dos adolescentes em acompanhamento nessa instituição. Nesse quadro podemos entender porque o fenômeno da delinquência foi descrito por Winnicott (2011) como uma das características prevalentes na adolescência, desde que seja considerado haver um íntimo vínculo entre os conflitos e dificuldades normais da adolescência e o que se denomina tendência antissocial. Ele afirma o seguinte “Na raiz da tendência antissocial há sempre uma privação ou carência” (WINNICOTT, 2011, p. 125).

No texto, “Os complexos familiares na formação do indivíduo”, LACAN (2001) elucida o papel essencial presidido pela família na constituição do desenvolvimento psíquico dos sujeitos, a partir de três aspectos. Primeiro, a família é responsável por transmitir os valores da cultura no ambiente familiar, as expectativas de conduta, as representações sociais, isto é, os pais constituem a primeira referência para a criança. Segundo, atuar no importante papel de reprimir o desejo e inscrever a lei simbólica, no contexto em que as primeiras vivências de frustração e não satisfação são experimentadas pela criança. A lei social expressa pela interdição, elemento fundamental de inscrição do sujeito na cultura, tendo como marca precípua o recalque do desejo, das pulsões agressivas e eróticas. Este elemento torna possível a entrada do sujeito no seio da cultura, como bem desenvolve Freud em “O mal-estar na civilização” (FREUD, 2010). O terceiro aspecto corresponde à aquisição da linguagem, que marca

a entrada da criança no mundo, possibilitando-lhe apropriar-se dele e nele interferir.

Justamente nas últimas décadas, especialmente na segunda metade do século XX, assistimos a mudanças fundamentais que dizem respeito à constituição e papel social da família, ROUDINESCO (2003). Uma nova configuração na organização familiar ocidental está sendo, portanto, delineada. Anteriormente, as relações entre os membros estavam submetidas a uma hierarquia e verticalização de valores e comportamentos, e o que se observa atualmente é uma mudança radical nessa ordem. Esta instituição fundamental para a constituição da subjetividade enfrenta intensas mudanças, produzindo consequências diretas nos modos de subjetivação de seus membros.

E não somente a família é uma instituição social que está em crise, nutrindo grandes e substanciais mudanças; a escola também, como podemos constatar neste trabalho. O exame preliminar dos prontuários de adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa revela alto índice de evasão escolar, o que nos conduz a refletir sobre as causas do abandono desse espaço primordial de formação. Aqui se insere uma questão fundamental para o nosso estudo: duas fundamentais referências para a constituição subjetiva, a família e a escola, poderiam não estar dando conta, em certos contextos, dos conflitos e contradições advindas do processo de desenvolvimento tão singular, como é a vivência da adolescência, herdeira dos excessos inerentes à infância. Como sublinha BIRMAN (2008): “De qualquer forma um novo contrato social, entre as instituições familiar e escolar, terá que ser inevitavelmente construído no futuro, para superar e direcionar esses impasses, hoje existentes” (BIRMAN, 2008, p. 99).

CONCLUSÃO

A psicanálise possui importantes contribuições para a discussão do campo infracional, evocando novamente FREUD (2010) constatamos que a entrada do homem nos domínios da civilização implica exercer o domínio das pulsões, o que poderia ser considerado um trabalho no campo da educação, ratificando a entrada do homem na esfera de ação da sociedade e na constituição do laço social que lhe é inerente. À dimensão ética da psicanálise podemos vincular seu comprometimento com a realidade psíquica; somente a partir da convocação do sujeito perante o seu ato será oportuno um trabalho a inaugurar perante o questionamento do ato. O adolescente autor de ato infracional tornou-se estatística da criminalidade; cabe à psicanálise a possibilidade de dar visibilidade ao adolescente infrator.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A., KNOBEL, M. **Adolescência normal: um enfoque psicanalítico**. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1981.

BIRCHAL, P. *Exploração lúdica e afetividade em crianças de creche*. (Tese de Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. Recuperado de www.teses.usp.br, 2010.

BIRMAN, J. Adolescência sem fim? Peripécias do sujeito num mundo pós-edipiano. In M. R. Cardoso, & F. Marty (Orgs.), **Destinos da adolescência** (pp.81-105). Rio de Janeiro, RJ: 7 Letras, 2008.

BIRMAN, J. **Cadernos sobre o mal: agressividade, violência, e crueldade**. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2009a.

Birman, J. **Cartographie Du contemporain: Espace, douleur et détresse dans l'actualité**. Parangon: Lyon, 2009b.

BIRMAN, J. Drogas, performance e psiquiatrização na contemporaneidade. *Ágora – Estudos em Teoria Psicanalítica*, XVII, número especial, 23-37, 2014.

CARDOSO, M. R. **Adolescentes**. São Paulo, SP: Escuta, 2006.

CARDOSO, M. R. Transgressão pulsional e geracional: a perpetuação da adolescência. In R. Cardoso, & F. Marty (Orgs.), **Destinos da adolescência** (pp. 69-80). Rio de Janeiro, RJ: 7 Letras, 2008.

CARDOSO, M. R. Dependência e adolescência: a recusa da diferença. *Ágora–Estudos em Teoria Psicanalítica*, XVII, número especial, pp. 63-74, 2014.

COELHO JUNIOR, N. E., & FIGUEIREDO, L. C. Figuras da intersubjetividade na constituição subjetiva: dimensões da alteridade. *Interações* 9(17), pp. 9-28, 2004.

FINGER, L. M. **O adolescente e a medida socioeducativa de internação: um encontro com a psicanálise**. Curitiba, PR: Editora CRV, 2014.

FREDA, F-H. L'adolescent freudien. *Mental. Revue Internationale de Psychanalyse Quel avenir pour l'adolescence? Fédération Européenne des Écoles de Psychanalyse*. Décembre, 23, pp. 11-16, 2009.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud, *Obras Completas* (Vol. 6: **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos**, P. C. de Souza, trad., pp. 13-172). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905), 2016.

FREUD, S. Além do princípio do prazer. In S. Freud, *Obras Completas* (Vol. 14: **História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), além do princípio do prazer e outros textos**, P. C. de Souza, trad., pp. 161-239). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1920), 2010.

FREUD, S. Inibição, sintoma e angústia. In S. Freud, *Obras Completas* (Vol. 17: **Inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos**, P. C. de Souza, trad., pp. 13-123). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1926), 2014.

FREUD, S. O mal-estar na civilização. In S. Freud, *Obras Completas* (Vol. 18: **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos**, P. C. de Souza, trad., pp. 13-122). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1930), 2010.

LACAN, J. Les complexes familiaux dans La formation de l'individu. In J. Lacan, J.-A. Miller. **Autres écrits** (pp. 23-84) Paris: Seuil. (Trabalho original publicado em 1938), 2001.

LAURU, D. **Nouvelles subjectivités adolescentes**. *Figures de la psychanalyse*. Logos. Anankè, Nouvelle **Série. ÉRÈS**, n°25, 2013.

LÉVINAS, E. **Le temps et l'autre**. Paris: Quadrige/PUF, 2001.

LOFFREDO, A. M. Contribuições do pensamento freudiano para a teoria psicanalítica da atualidade. In C. C. E. Mouammar, & E. B. V. Campos (Orgs.). *Psicanálise e questões da contemporaneidade*. 1(1), 101-116, 2013.

LOFFREDO, A. M. **Figuras da sublimação na metapsicologia freudiana**. São Paulo, SP: Escuta: Fapesp, 2014.

MARTY, F. O genital, impasses e acesso. In M. R. Cardoso. **Destinos da adolescência** (pp. 55-68). Rio de Janeiro, RJ: 7 Letras, 2008.

MAYER, H. Passagem ao ato, clínica psicanalítica e contemporaneidade. In M. R. Cardoso. **Adolescência: reflexões psicanalíticas**. (pp.81-101). Rio de Janeiro, RJ: Nau Editora, 2001.

MINERBO, M. Espaço e objetos transicionais na análise de adolescentes *borderline*. In M. R. Cardoso (Org.). **Adolescentes** (pp. 89-107). São Paulo, SP: Escuta, 2006.

PENNA, P. S. V. Adolescente autor de ato infracional e responsabilidade: uma perspectiva psicanalítica sobre a política de assistência social (Tese de Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. Recuperado de www.teses.usp.br, 2017.

RASSIAL, J. J. Ensaio psicopatológico sobre as condutas no meio suburbano. In C. M. Fernandes, & J. J. Rassial (Orgs.). **Crianças e adolescentes: encantos e desencantos** (pp. 63-76). São Paulo, SP: Instituto Langage, 2012.

ROUANET, S. P. (2006). Os traumas da modernidade. In A. M. Rudge (Orgs.). **Traumas**. São Paulo, SP: Escuta, 2006.

ROUDINESCO, E. **A família em desordem**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2003.

ROUSSILLON, R., & CHOUVIER, B. **Corps, acte et symbolisation: Psychanalyse aux frontières**. Belgique: De Boeck, 2008.

SOUZA, O. Notas sobre algumas diferenças na valorização dos afetos nas teorias psicanalíticas. In B. Bezerra Jr., & C. A. Plastino (Orgs.), **Corpo, afeto, linguagem: a questão do sentido hoje** (pp. 225-298). Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001.

WHITAKER, C. **O campo infracional: sistema de justiça e a prática judiciária à luz da psicanálise**. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo, 2010.

WINNICOTT, D. W. **Privação e delinquência**. (A. Cabral, trad.). São Paulo, SP: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1984), 1987.

WINNICOTT, D. W. Família e a maturidade emocional. In **A família e o desenvolvimento individual**. São Paulo, SP: Martins Fontes. pp. 129-138. (Trabalho original publicado em 1960), 2011.

WINNICOTT, D. W. Adolescência: transpondo a Zona das calmarias. In **A família e o desenvolvimento individual**. São Paulo: Martins Fontes. pp.115-127. (Trabalho original publicado em 1961), 2011.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-207-4



9 788572 472074